

CARTA A MACHADO
DOS USOS E ABUSOS DAS RECRIAÇÕES LITERÁRIAS

VALÉRIA DE DEUS SANTOS

Algum Lugar, 1999.

Caro Sr. Machado de Assis,

Os últimos acontecimentos envolvendo a sua obra e o meu nome, levam-me a escrever-lhe. Sei que o senhor acha que “mulheres não deviam escrever cartas”, mas tentarei dizer tudo e ser bem clara. O senhor sequer imagina o que tem acontecido com a literatura de hoje. O rei Davi estava certo, lá no livro de Eclesiastes, quando diz que “nada há, pois, novo debaixo do sol”. Porque o que se vê nestes últimos anos é uma refeitura daquilo que já foi feito. No caso, reescritura dos seus escritos. Eles, os críticos, encontram nomes pomposos para o processo: releitura, recriação literária, intertextualidade, reescritura, liberdade poética, entre outros. É moda agora romper com as regras, formas e convenções tradicionais. Deram-lhe a alcunha de literatura pós-moderna. Ela não prima pela originalidade. Pelo contrário, permite a desconstrução da narrativa clássica, paródias, colagens, pastichos, etc. Permitem até alterbiografias, isto é, o escritor torna-se um narrador de uma biografia de outro. Enfim, são tempos estranhos estes! Limitar-me-ei a comentar três destes autores que usam destas licenças artísticas que falei acima.

Um certo Fernando Sabino chama de recriação literária às modificações que fez no romance *Dom Casmurro*, omitindo o narrador auto-consciente, o meu marido Bento Santiago, substituindo-o por outro narrador onisciente e onipresente. Imagine que na apresentação do livro, querendo justificar-se, ele explica que o que sempre o atraiu neste romance “não foi a intrigante e todavia óbvia infidelidade

(grifo meu) da personagem principal"... vai assim, abertamente me condenando! Nem tanto por isto, mas pelo que ele fez à sua obra, é que me manifesto.

O senhor Sabino reduz drasticamente, Sr. Machado, a sua brilhante linguagem, simplificando-a, retirando, além dos termos próprios da época, aquela "constelação de intenções e ressonâncias", como bem disse alguém. Ele nega a sua criatividade ao extrair do texto as alegorias morais e filosóficas que são sua marca. Um parêntese para um elogio vindo do Sr. Fábio Lucas na introdução da 36ª edição a Dom Casmurro:

Deste modo, em Dom Casmurro, o processo de enunciação é constantemente lembrado, estabelecendo um nexos entre a trama romanesca, cuja finalidade é deleitar e comover o leitor, e o processo ideativo, cuja sede está nos comentários livres que se mesclam à trama e a integram, com finalidade docente, expandindo a espessura filosófica do texto e convidando o leitor a meditar sobre a trajetória humana.

Achei que o Sr. gostaria de receber esta crítica construtiva! Mas, voltemos ao Sr. Sabino. É exatamente esta "espessura filosófica" que ele retira do seu texto, além das citações, dos comentários históricos, da sua fina ironia! Nem faz sentido lê-lo!

Que nome dar a isto? Recriação literária, imitação, palimpsesto, pasticho, paródia? Nenhum destes termos se aplica. O que o senhor acha? A mim parece-me mais com uma brincadeira, ou permita-me a ousadia a que me leva a indignação, um aproveitamento do momento histórico para deixar que a vaidade e a cobiça falem mais alto. Estarei sendo dura demais?

O crítico Michel Schneider refere-se a alguém que pensa que "para o livro rejuvenescido, cada imitação é um novo contrato com a vida". Posso até concordar genericamente, mas não quanto às suas obras! Não há necessidade de imitações que o rejuvenesçam! O senhor sempre tem sido lembrado e louvado pelos seus próprios méritos.

As homenagens não param aí. Uma autora de livros infantis, Ana Maria Machado, escreveu também um romance de certa forma intrigante. *A Audácia desta Mulher* é o título do livro que retrata personagens atuais lendo um suposto diário que teria sido por mim escrito desde minha adolescência. Imagine se sou romântica a ponto de escrever diários! Sou prática e racional demais para tal coisa. Jamais gostei de cozinhar e esta escritora me põe a escrever receitas! Devido à liberdade literária atual, ela até reinventa um final diferente: faz-me permanecer viva até aos 68 anos, morando na Suíça, para onde fui levada quando da minha separação, e me faz trabalhar numa pensão onde fazia uso das tais receitas. A idéia, confesso, até me agradou... bem que eu gostaria de ter vivido mais, dançado mais, viajado; gostaria

de ter visto meus netos - pois a escritora podia ter também ressuscitado meu filho - e assim morria biblicamente: em boa velhice, velha e cheia de dias. Bem, deixemos as reflexões!

Não posso esquecer um detalhe importante. A escritora nos transforma, á Sancha, Escobar, Bento e a mim, em pessoas reais que teriam vivido no século XIX, no Rio de Janeiro, nos quais o senhor teria se inspirado. Acho que ela realmente o admira pois, há uns truques bem machadianos permeando o livro. São reflexões, citações de vários outros escritores, e, principalmente, o dirigir-se ao leitor aqui e ali de modo a não deixar que este se esqueça que está diante de uma obra de ficção, como no trecho que se segue.

Por isso, como autora, me permito esta intromissão agora, para confessar que eu também esperava que nossa personagem fosse ficar em casa⁵.

E ainda,

Perdoe-me a amável leitora ou gentil leitor, mas as convenções que regem a leitura de um romance me nossa época diferem grandemente das viagens do século XIX, que permitiam um narrador estranho, no momento da escrita, esta conversa direta com quem iria passar os olhos pela futura página impressa.⁶

Notou que ao mesmo tempo que ela explica, está usando o artifício que aprendeu com o senhor? Ela inclusive o elogia como tendo “elevado esse procedimento à categoria de obra-prima, transformando-o num dos traços mais típicos e deliciosos do seu estilo”.⁷

Querendo se justificar, ela explica o processo que faz com que um autor deixe transparecer um outro. Além de citar Virgínia Woolf quando diz que “os livros continuam uns aos outros, apesar de nosso hábito de julgá-los separadamente”, ela tece o seguinte comentário, que vale a pena o senhor ouvir:

E não apenas porque existe uma tradição literária onde estes livros se inserem, fazendo com que nenhuma obra possa ser um fato isolado e solitário, mas tenha sempre que ser o resultado de muitos séculos de se pensar em conjunto, de tal forma que a experiência coletiva está sempre por trás da voz individual. Mais que isto porém: a leitura aproxima livros diversos. O que o autor tem está embebido nele e passa para sua escrita.⁸

Pelo visto um autor repete outro, que já repetiu outro e assim se explica hoje o que outrora chamava-se plágio! Só não o é porque os novos autores são mais honestos; eles simplesmente não negam que estão a copiar este ou aquele autor! E a isto se chama pasticho, como definido por Schneider: “Este [pasticho] mais elaborado

procura imitar um estilo e o discurso de um autor conhecido com sua própria escritura.”⁹

O uso de pasticho, pois Ana Maria Machado o imita muito bem na carta que me fez escrever da Suíça à Sancha no sul do Brasil, não a desmerece. Mas, como classificar a sua escrita? Que escritura é esta que ressuscita personagens de um romance e o coloca em outro com um século de distância entre eles? Seria este “o diálogo entre o passado e o presente” de que fala Linda Hutcheon em certo ensaio? Pode a autora se dar a esta liberdade artística por ser pós-moderna! Preciso pensar. Não posso formar uma opinião às pressas, como bem me ensinou o senhor. Estou muito confusa a respeito de toda esta situação.

Isto não é tudo: Ainda não mencionei um outro escritor, o Sr. Domício Proença Filho. Peço que tenha um pouco de paciência, mas não tenho a quem recorrer para comentar estes fatos senão ao senhor!

Como diz o próprio Sr. Domício, “apoiado no espaço de liberdade em que habita a literatura”¹⁰, ele arrisca-se a me dar voz, fazendo-me contar a história pelo meu ponto de vista. Fiquei comovida, porém, confesso, muito constrangida pela audácia. Isto sim, é que é audácia! Comovida pelo que ele diz sentir por mim, pela indignação que sente diante de um narrador acusatório como o Sr. Bento Santiago. Sou até grata pela idéia de contar a história à minha moda, livrando-me do estilo condenatório de muitos ou do beneplácito da dúvida de outros e além disso, tentando afirmar um discurso feminino, tarefa tão difícil e rara no meu tempo. Constrangida, porém, porque sei que para defender-me, ele, como outros, também tira água de sua cisterna. Reescreve o que já foi escrito. Faz um jogo deslocando as peças no tabuleiro. Ele inclusive se recusa a revelar que métodos empregou na composição do texto. “Guardar segredo sobre o que regula discurso de tal natureza”¹¹, não seria uma forma de se esconder, de se excusar por não conseguir justificar a empreitada? Ou ele mesmo não sabe que recursos usou? Tudo bem que “nem tudo seja claro na vida e nos livros”, como o senhor mesmo diz, mas não acha que o senhor e eu merecemos explicação melhor, um jogo mais aberto?

O Sr. Domício também destitui seu texto de suas características. Ao simplificá-lo, como fez o Sr. Sabino, ele empobrece, tira aquelas sutilezas, aquelas ironias, as reflexões que se contrapõem às intrigas da história, as meditações sobre o escoar inexorável do tempo, as descrições dos olhos e olhares dos personagens, que tanto deleitam o leitor. Enfim, descaracteriza a sua obra. Além disso, ele tem a audácia de por em dúvida seu talento como poeta! Veja seu comentário a respeito do

poema que Bento queria escrever: “A pena do autor era tão canhestra e sua desinspiração era de tal ordem, que ele partiu direto para o último verso.”¹² Isto dito através do que seria minha escrita. Não satisfeito, este autor se põe a criticar o uso que o senhor faz dos provérbios e citações:

Mas aquela mania de valer-se deles por dá cá aquela palha para mim sempre soou como mais uma artimanha: na verdade ele usa o pensamento alheio e a sabedoria popular para auto-justificar-se.¹³

Artimanha é a do Sr. Domício, que quer fazer crítica-ficção se escondendo atrás de mim! Ele comenta que “um lado o admira e o outro o rejeita, por força da ambigüidade do seu texto”¹⁴. Pois então como se atreve a imitá-lo? Que ele o faz com talento e propriedade é inegável, porém, qual é o mérito? Ser um brilhante imitador? Mostrar erudição?

Talvez a esta altura, o senhor já esteja compreendendo toda angústia que me assola. Tenho sido, ao longo destes anos, estudada, criticada, vilipendiada, levada a julgamento, tida como culpada muitas vezes, declarada inocente umas poucas e agora vem este senhor fazer-me escritora. Ela põe em meus lábios o seguinte discurso:

Eu não sou conviva dos mistérios da criação, como ocorre com alguns privilegiados. O pouco que sei de técnicas do verso e da retórica aprendi na escola. Mas sempre fui leitora de bom gosto.¹⁵

Quando à leitura, ele está certo, mas quanto à criação literária está se referindo, com evidente falsa modéstia, a ele mesmo. Porque eu, Capitu, criação do senhor, jamais me aventuraria a tal caminhada. Provavelmente me perderia no meio do caminho.

Onde fico nesta história toda? Tenho certeza que isto vai se prolongar por muito tempo ainda. Tudo isto me incomoda. Também me preocupo com o senhor. Se desvendarem o seu enigma, que valor teria a sua história? Vão acabar por lançá-la aos vermes! Aí estão os fatos. É necessária alguma atitude de sua parte; não é possível manter os olhos eternamente fechados a estas manobras literárias. Despeço-me com muita vontade de dar uns piparotes na cabeça destes autores.

Sinceramente sua,

Capitu.

P.S

Pensei em algo. Que tal um manifesto de sua parte aos escritores deste tempo e dos séculos vindouros? Que o deixem em paz. Que procurem seus próprios

caminhos; que busquem inspiração no presente, nas inúmeras tragédias da vida moderna, nas atuais injustiças sociais, nos preconceitos de raça, cor, sexo. Que deixem os pastichos, as imitações. Que façam uso desta tão propagada liberdade literária para criar algo novo. Apregoe um retorno à originalidade. Que tal? Ou será que temos que concordar com Walter Benjamin que “a arte de contar histórias está morrendo”? Será que não existem mais talentos como o seu?

Tenho receio de estar sendo muito cética, ou muito naïve, ou retrógrada em não conseguir ver com profundidade a importância e o lugar da paródia e do pasticho, da intertextualidade na Literatura contemporânea mesmo lendo Jameson, Hutcheon, Foucault, e tantos outros. Acho que perdi o bonde da História. Nem mesmo sei qual é mais importante: se criar ou discutir a criação. Mas estou me delongando. Sei que o senhor vai pensar em algo.

1 ASSIS, Machado de, Memorial de Ayres.

2 SABINO, F. Amor de Capitu. São Paulo: Ática, 1998. p. 5.

3 LUCAS, Fábio. Introdução a Dom Casmurro. São Paulo: Ática. 36ª ed. 1998.

4 Schineider, Michel. Ladrões de Palavras. Tradução Luis F. T. N. Franco. Campinas: Unicampi, 1990.

5 MACHADO, Ana Maria. A Audácia dessa Mulher. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

6 Ibid., p. 19.

7 Ibid., p. 19.

8 MACHADO, op. Cit., p. 85. Nota 5.

9 SCHNEIDER, op. Cit., p. 337. Nota 4.

10 PROENÇA Filho, Domicio. Capitu – Memórias Póstumas. Rio de Janeiro, Ática, 1998.

11 ibid., p. 16.

12 Ibid., p. 150.

13 Ibid., p. 89.

14 Ibid., p. 15.

15 Ibid., p. 150.

